



Uma revolução confiscada

O lançamento do terceiro volume de *Diálogos com Vito Letizia*

Danilo Chaves Nakamura¹

Com o lançamento do livro *1917: Uma revolução confiscada – Diálogos com Vito Letizia*, no dia 25 de outubro de 2017, o projeto do coletivo Cemap-Interludium de colocar as ideias de Vito Antonio Letizia em circulação se concretiza.

Relembrando. Inicialmente, o projeto tinha a intenção de divulgar para um público mais amplo os textos de Vito Letizia, que estavam dispersos em revistas especializadas, ou mesmo, que não haviam sido publicados. Essa fase se consolidou com o lançamento do site <http://cemap-interludium.org.br/> em outubro de 2011. Nessa plataforma, o coletivo disponibilizou os textos que Vito, como professor de economia política da PUC e militante anticapitalista, escreveu sobre os mais diversos temas (crise econômica, império americano, China contemporânea, Guerra do Afeganistão, método da crítica da economia política, Revolução Russa etc.). Alguns desses textos também foram organizados na forma de livro: *A grande crise rastejante*, uma análise original sobre a crise do capitalismo, lançado em 2012.

Num segundo momento, o coletivo preparou um projeto dividido em quatro roteiros de entrevistas. O *objetivo geral* era reavaliar historicamente as categorias que norteiam a ação política de esquerda – classe, partido político e vanguarda revolucionária –, à luz do seu esvaziamento de significado na contemporaneidade. O *objetivo específico* era apresentar um balanço crítico e sem reservas da trajetória da

¹ Mestre em história econômica pela Universidade de São Paulo.



esquerda brasileira, enfocando a formação da “Liberdade e Luta” – organização que parte dos membros do *Cemap-Interludium* militou no período das lutas contra a ditadura militar – e do Partido dos Trabalhadores. A hipótese sugerida por Vito Letizia era a de que essa trajetória da esquerda brasileira não pode ser compreendida sem uma reavaliação da história contemporânea mais ampla que norteia a ação política de esquerda, ou seja, sem entendermos os fundamentos da Revolução Francesa, da formação da social-democracia europeia e da Revolução Russa. Um caminho que ele já havia sugerido para a outra parte do coletivo, estudantes que tinham formado um grupo de estudos sob sua orientação.

Terminado o longo trabalho de entrevistas, o coletivo passou a transcrever e organizar os materiais para lançar três volumes de uma coleção intitulada *Diálogos com Vito Letizia*. No final de 2014, foi lançado o volume sobre as questões relacionadas ao Brasil e ao continente americano: *Contradições que movem a história do Brasil e do continente americano*. No projeto, esse deveria ser o último volume, mas, devido à urgência de levar ao público uma reflexão original sobre o país, resolveu-se inverter a ordem. Em 2016, foi lançado o volume contendo as discussões sobre a Revolução Francesa e sobre a social-democracia: *As origens das aspirações modernas de liberdade e igualdade*. E, por fim, como acaba de sair *1917: Uma revolução confiscada*. Um instigante diálogo em que Vito Letizia remonta de forma crítica os momentos importantes da Revolução Russa.

Na fase inicial do projeto, essa parte dos diálogos foi intitulada de *A Revolução Russa: as aspirações de liberdade e igualdade em poder do Partido Bolchevique*. No entanto, o coletivo decidiu alterar o título. Mudança à parte, o problema central da análise de Vito permanece evidente já no título. Afinal, como um partido/Estado pôde tomar posse das aspirações de liberdade e igualdade da maioria do povo russo? Ou ainda, como foi possível o confisco de uma revolução por um grupo minoritário? Para responder a essas perguntas, Vito Letizia fundamenta sua análise no fato de que em 1917, a população da Rússia era composta por quase 80% de camponeses e, no momento da revolução, essa maioria foi parte ativa no processo de expropriação das terras dos nobres, da Igreja e do Estado czarista, além de criar suas próprias formas de organização, Comitês da Terra e sovietes de camponeses, por exemplo. Ponto de vista bastante distinto da maioria dos especialistas – de direita e de esquerda –, que costumam descrever os camponeses como pessoas primitivas, que só podiam desempenhar um papel destruidor durante a revolução, ou ainda, uma camada social pronta para ser manipulada pelos bolcheviques. Isso quando não retomam a velha tese da Segunda Internacional que projeta a extinção do campesinato a partir da modernização industrial. Extinção que



não se realizou em nenhum lugar do mundo, apesar das mudanças (automação da produção, assalariamento de parte da mão de obra etc.).

Nas palavras do próprio Vito Letizia:

Agora, eu sei que houve uma revolução no campo na Rússia e sei que Lenin se manifestou como inimigo dos camponeses desde o início da revolução. E, inversamente, os camponeses apoiaram os bolcheviques desde fevereiro. Houve uma revolução no campo, profunda, só que a Rússia era um país fortemente estratificado e um dos estratos achou que a revolução lhe pertencia. Era um setor ultraminoritário e, para manter a propriedade da revolução, teve que desenvolver um aparelho repressivo que terminou se burocratizando e travando a revolução. Desde o começo, desde os melhores tempos do processo revolucionário, o aparelho repressivo tornou-se cada vez mais um aparelho bolchevique, havia unidades de comunistas nas tropas, nas fábricas... em todo lugar os comunistas eram a força de confiança.

Factualmente, na narrativa de Vito Letizia, o “confisco” da revolução vai ficando claro. Logo após a Revolução de Fevereiro na cidade, os camponeses seguiram os revolucionários, tomando as terras e realizando sua aspiração histórica. Liberdade e igualdade para eles significava ter acesso à terra após anos de servidão e exploração. E isso estava sendo garantido pela sua própria atividade. Mas, meses depois da revolução de outubro, em junho de 1918, Lenin e os bolcheviques, com o intuito de cindir os camponeses, criaram os artificiais comitês de camponeses pobres (*kombiedl*). O discurso era travestido de “teor revolucionário”, os bolcheviques diziam que os *kombiedl* eram organizações para combater os “especuladores” do campo, qualificados como *kulaki* (camponeses ricos). No entanto, eles serviram para ampliar a requisição forçada e violenta dos produtos do campo para abastecer a cidade. Essas decisões, antes de tudo, expunham o antagonismo que excluía a revolução camponesa da revolução operária, pois os alvos desses ataques eram os soviets camponeses (dominados pelos camponeses médios), herdeiros dos Comitês da Terra, que haviam feito a revolução. A partir desse momento, o desenvolvimento prático da revolução foi travado e os camponeses, imensa maioria da população – que corajosamente fez a revolução acontecer –, mais uma vez, foram empurrados para o subsolo da sociedade russa.

Para deixar claro seu ponto de vista, Vito narra a formação do Estado russo, caracteriza a servidão dos camponeses no Antigo Regime e o despotismo do poder dos czares. Resgata a memória da resistência dos camponeses, revoltas como a de Stenka Razin e a de Pugatchev. Por fim, remonta passo a passo o processo revolucionário de fevereiro a outubro. Assim, ao seguir os argumentos expostos ao longo da entrevista, vai ficando óbvio para o leitor a absoluta necessidade de condenar a irracionalidade do sistema inaugurado por Josef Stalin na URSS, a partir



dos anos 30. Reconstrução histórica que, obviamente, não significa a condenação da Revolução Russa como um todo, pois, para Vito, a revolução é um evento profundo e sem precedentes na história da humanidade. Mas, não condenar a revolução “em bloco”, não exige – afirma o entrevistado – os marxistas de clarificar o processo que levou ao surgimento do sistema a partir das escolhas da Revolução de 1917.²

Enfim, cem anos depois dos dias que abalaram o mundo, o livro de Vito Letizia é lançado para enfatizar que, no processo revolucionário russo, as massas estavam à frente dos bolcheviques. Trabalhadores da cidade e do campo criaram suas próprias organizações – sovietes, sindicatos, Comitês da Terra etc. – a fim de realizarem as aspirações históricas dos povos oprimidos. No entanto, quem levou adiante o “edifício soviético” foi o partido/Estado e não os sovietes.³ Enquanto essa contradição irreduzível não for pensada por aqueles que reivindicam se do marxismo e superada pela ação dos trabalhadores, a ideia de uma sociedade organizada por *produtores livremente associados* seguirá confiscada.

² LETIZIA, V. *Realidade e opinião sobre a URSS: no apogeu e após a queda*, ago. 2007, p. 17.

³ Ver: LAVAL, C. e DARDOT, P. *O que comemorar no centenário da Revolução de Outubro?* In: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/08/11/o-que-comemorar-no-centenario-da-revolucao-de-outubro/>